

порт/n
с 716

GROUP DEN VAYORK



COLMÉIA

O GRUPO DE NOVA YORK

COLMÉIA
ANTOLOGIA LÍRICA

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RIO DE JANEIRO
1993

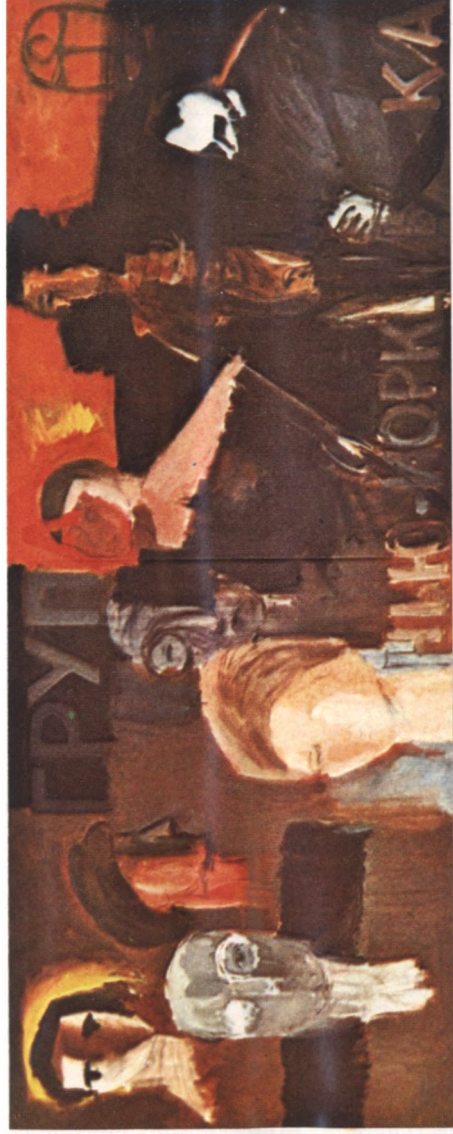
Tradução do Ucrainiano, prefácio e notas biográficas:
Wira Selanski
Revisão: Celso Nathan Guaraná de Barros

Série PYSSANKA

1. Vassyl Gholoborodhko: DIA VERDE (1991)
2. Iván Dratch: ASAS (1993)
3. O Grupo de Nova York: COLMÉIA (1993)

CAPA E COLAGENS: WW

© O Grupo de Nova York



Yury Solovy: O GRUPO DE NOVA YORK

Da esquerda para a direita: Wira Wowk, Boghdán Rubtcháak, Genha Vassylkiwska, Patrycia Kylyna, Yury Tarnawsky, Emma Andiewska, Yury Solovy, Boghdán Boytchúk.

O GRUPO DE NOVA YORK

Em 1959 começou em Nova York a publicação anual de POESIAS NOVAS, o primeiro periódico na Literatura Ucraniana sob princípios puramente estéticos. Era uma reação contra a literatura politicamente engajada na pátria, que calou com seus maiores poetas, e contra o consumismo literário da emigração ucraniana. O grupo consiste de sete poetas cinquentistas, aos quais se juntam mais tarde outros colaboradores, embora de maneira mais descomprometida, tais como Vadym Lessytsch, Vassyl Barca, Olegh Koverko, Yury Kolomyets, Marko Tsarynnyk, Danylo Struk, Kateryna Ghorbatch, Román Babovál e o tradutor Wolfram Burghardt. Foram publicados doze volumes de poesia original e traduções da poesia universal, contribuindo de maneira sensível para a evolução literária ucraniana. Naquelas edições colaboraram também artistas plásticos e pintores Lubosláv Ghutsaliúk, Yury Solovy, Yaroslava Guerulák, Yakiw Ghnizdowsky e outros, oferecendo desta maneira ao leitor um panorama bastante extenso do processo artístico ucraniano do exterior. Ao mesmo tempo, o Grupo de Nova York publicou coletâneas individuais de seus componentes, liderando com elas o movimento renovador da poesia ucraniana fora do país. Dedicou-se também à tradução da poesia universal para o idioma pátrio, bem como da poesia ucraniana para várias línguas, sendo apoiado em suas buscas por críticos e teóricos de literatura, principalmente Yury Lawrinenko e o poeta-ensaísta Ighor Kostetsky.

O Grupo não possui um programa literário determinado; busca, apenas, situar a Literatura Ucraniana ao nível das Literaturas Universais, experimentando rumos novos e trabalhando na conquista do vocabulário, seja pela criação de neologismos, seja pela redescoberta do léxico arcáico esqueci-

do, seja ainda pela assimilação de termos específicos de outras culturas em que vive, já que Nova York foi apenas o centro de um encontro temporário de seus membros.

A emigração ucraniana, bem como a crítica na Ucrânia atual, dividem-se na opinião quanto aos poetas, que eram e continuam sendo alvo de altos elogios dos progressistas e de profunda recusa da parte dos tradicionalistas. Sua posição dentro da Literatura Ucraniana, no entanto, já está confirmada.

A presente antologia é uma homenagem aos companheiros pelos 35 anos de esforços constantes na conquista de uma linguagem poética livre de preconceitos e compromissos partidários.

WS



MM

EMMA ANDIEWSKA (1931)

POESIA:

POESIA (1951), NASCIMENTO DO ÍDOLO (1958), PEIXE E ESPAÇO (1961), ÂNGULOS OPOSTOS (1963), ORIGENS (1964), BAZAR (1967), CANÇÕES SEM TEXTO (1968), CIÊNCIA SOBRE A TERRA (1975), CONFEITARIA (1983), TENTAÇÕES DE SANTO ANTÔNIO (1985), CONJUNTOS ARQUITETÔNICOS (1989).

PROSA:

VIAGEM (1955), TIGRES (1962), DJÁLAPITA (1962), HERÓSTRATAS (1971), ROMANCE SOBRE O HOMEM BOM (1973), ROMANCE SOBRE O DESTINO HUMANO (1982).

Nasceu em Donetsk. Passou a infância na sua cidade natal e em Kiev. Em 1943 emigrou para o Oeste, vivendo em várias cidades da Alemanha, Paris e Nova York. Reside, atualmente, em Munique. Seus livros provocaram ora elogios exuberantes, ora total recusa. O crítico Volodymyr Derjavyn comentou: “Sua iniciação poética foi tão brilhante que só poderia ser comparada a de Pawló Tytchyna ou de Arthur Rimbaud”.

Emma Andiewska usa a técnica surrealista, combinando elementos de diversos planos. Uma vitalidade exuberante e uma necessidade lúdica lhe são próprias. Há em suas obras mimese mítico-religiosa e mistura de fatores concretos e abstratos, como também freqüente hermetismo.

A poetisa não foge de temas sócio-políticos, ético-morais e filosóficos, porém estes aparecem transfigurados pelas ima-

gens cheias de associações inesperadas, às vezes indecifráveis.

Usa poucas rimas, antes — assonâncias e consonâncias, dedicando-se, nas últimas coletâneas, ao soneto livre.

Possui uma enorme escala léxica. Emmanuel Reis fala sobre seu "dom absoluto da palavra, como se fala de ouvido absoluto". Com seu ROMANCE SOBRE O DESTINO HUMANO, Emma Andiewska foi agraciada com o Prêmio Literário Antonovytch, a mais alta distinção literária ucraniana no exterior.

xxx

Em folhas envolvem as portas
Esvoaçantes pela casa.
Trazem o cavalo com a mancha na coxa.
Bebem por muito tempo do copo esmaltado.
E partem pelo teto para o descanso.

CIÊNCIA SOBRE A TERRA

xxx

Estás só. Estas portas são primeiras e últimas.
Além das tendas há mudanças de dinastias,
Mudanças de talos e da consciência.
Aqui não há entremeios.
Chicoteiam asas e quebram dorsos dos mais jovens.
O reino da solidão — o vento de ocre
Com a concha pálida de misericórdia.
Estás só, — o resto é eco de deserto.

CIÊNCIA SOBRE A TERRA

xxx

Quem és, mensageiro de sombra e renovos?
Quem és, a mais próxima, a mais distante do outro lado?
A maçã das Hespérides? — Em torno dos Aídas —
o crepúsculo da romã.
E apenas a tua mão que ressuscita os mortos.

CIÊNCIA SOBRE A TERRA

xxx

A cápsula da papoula da palavra, o talo da ira.
Havia nuvem, e agora só pétalas.
Distâncias entre os talos, distâncias entre as galáxias.
Só para que
A teia da aranha vermelha cubra a clara do ovo chorosa?

CIÊNCIA SOBRE A TERRA

xxx

Flautas de abóbora, sinos de nozes,
Um diante do outro para o campo da visão.
Este com escada até a lua, aquele — com escada até
o paraíso.
E eu apenas com degraus até o coração.

CIÊNCIA SOBRE A TERRA

xxx

Cavalos mais côncavos do que vasos funerários.
O mundo quadrado e ao mesmo tempo com dimensões
de pétalas.
Pronunciam palavra — à vista floresce a árvore.
Pronunciam palavra — cresce a terra sobre o caixão.

CIÊNCIA SOBRE A TERRA

xxx

Eternidade é árvore com tronco de gato.
Xícara de chá, copo de cicuta.
Todos estão a caminho — com calcanhares, cascos ou asas.
Na sombra da crucifixão jogam dados.
E de novo pintam com cor vermelha
As portas aos recém-chegados.

CIÊNCIA SOBRE A TERRA

xxx

Tu não podes chamar-te pelo próprio nome
Só porque os outros, de tanta baixeza, não têm rosto.
Tu não podes andar erguido inteiramente,
Porque em torno há leis de pigmeus.
Tu foste privado até das poças de chuva,
Tu que nasceste para os oceanos.
No dia de tua tristeza mais grave
Todos os riachos hão de levar-te à superfície.

CANÇÕES SEM TEXTO

xxx

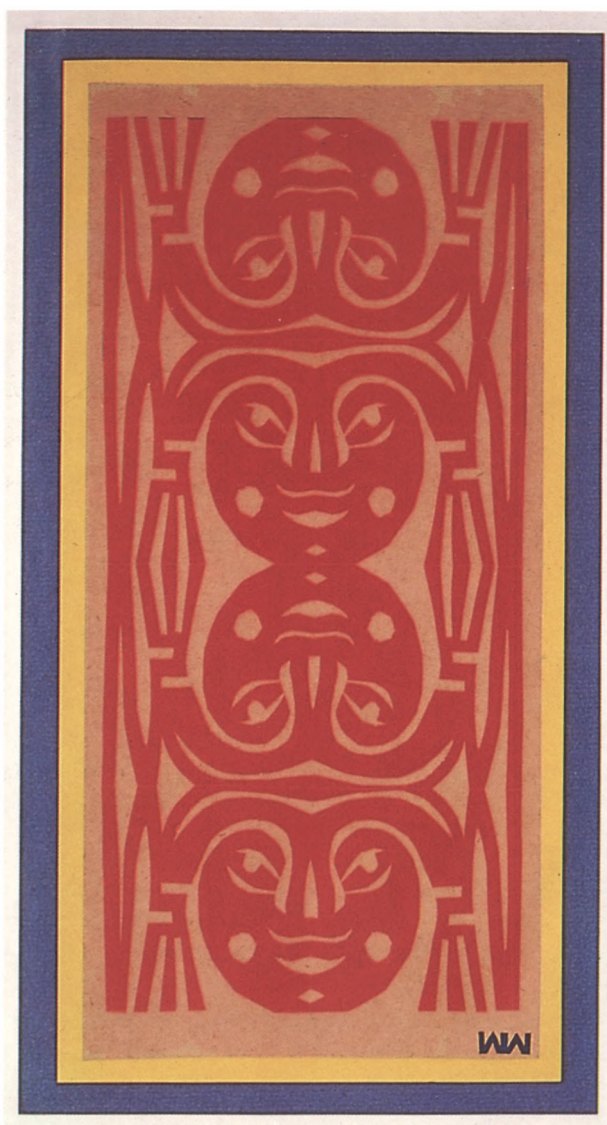
Quando se apagam os fogos e nada muda,
A folha verdeja da mesma maneira,
E a água jorra do mesmo modo em rios e fontes.
Só tu, aprisionado pela memória,
Deves partir, sabendo que partes.

CANÇÕES SEM TEXTO

xxx

A voz, coberta de escamas,
Abre o deserto aquático,
Convida: passa pelo leque de fogo,
Aqui te esperam os tataravós
E as mais jovens das escravas.
Em chamas, que mastigam
Com fauces de jacarés,
Joga um punhado de pérolas,
E diante de ti se separam
O pórfiro e os envoltos em outros nomes.
E o mel goteja sobre ti,
Tu, o mais jovem de todos os mais idosos.

CANÇÕES SEM TEXTO



BOGHDÁN BOYTCHÚK (1927)

POESIA:

TEMPO DE DOR (1957), A TERRA ERA DESERTA (1959), LEMBRANÇAS DE AMOR (1963), POESIAS AO MÉXICO (1964), CAMINHADA DE CORPOS (1967), VIAGEM COM O MESTRE (1976), POESIAS SELETAS E PENÚLTIMAS (1983), TERCEIRO OUTONO (1991).

TEATRO:

DOIS DRAMAS (1968).

CRÍTICA LITERÁRIA:

COORDENADAS (1969).

TRADUÇÃO:

Juan Ramón Jimenes: PLATERO E EU (1968), David Ignatov: HÓSPEDE SURPRESO (1982), Samuel Beckett: ESPERANDO GODOT (1972), Stanley Kunitz: ESTA GRINALDA É PERIGO (1987).

Boghdán Boytchúk nasceu no Oeste da Ucrânia, de uma família camponesa. A partir de 1944 viveu na Alemanha, seguindo em 1949 para Nova York, onde terminou o estudo de eletrotécnica no City College. Membro da redação da revista POESIAS NOVAS e da ATUALIDADE (Nova York) e redator-chefe da revista SVITO-VYD (Kiev). Dedicou-se, também, à crítica literária, tornando-se conhecido por numerosos ensaios e conferências.

Como poeta e dramaturgo, está profundamente arraigado ao solo natal, marcado pela guerra e levantando sua voz em defesa dos inocentes injustiçados. Terra e Eros são seus temas favoritos.

O autor busca a essência do ser humano num mundo hostil e alienado, onde a bem-amada é o único porto de salvação. Os temas de morte, de decomposição, de sofrimento aparecem freqüentemente em sua obra.

SANTA CAROLINA

Mulata
sobre o poço
pendurou seus seios morenos,
florescendo qual cacto
em chagas;
jogou o balde
e haurindo o dia
lamentou-se:
ele é tão solitário, Senhor,
e pesado!
Tão pesado!

LEMBRANÇA DE AMOR

A PEDRA E A VIDA

No rosto da igreja
bateu a primavera
cobrindo-a com a parreira selvagem.

É o verdor que reza,
com a canção da vida
fustiga a pedra.

LEMBRANÇA DE AMOR

DEZ POESIAS SOBRE A CIDADE, COM PRÓLOGO

4.

Hoje, de novo,
fauces dos muros espremem sentimentos dos homens
que se debatem no ato de amor
— alguém joga na taça do coração da noiva,
sob os fios rasgados de saxofones ardentes,
sob a chuva, que se desprende do couro dos bombos,
— joga na taça do coração um beijo,
como os trinta dinheiros.

6.

A lua, longe, emaranhou-se entre as raízes das nuvens,
só as cataratas das janelas
quebram a escuridão,
onde em chamas negras ardem as velas do desejo,
junto a rostos apagados, bocas e olhares,
sobre os canteiros de amassadas rosas brancas dos leitos.

LEMBRANÇA DE AMOR

DESPEDIDA DA PALMEIRA

Do cálice das mãos
jorra o frescor da palmeira.
E as dobras do corpo
bebem dos ramos solitários
o verde descanso.
O velho, que à fidelidade dos caminhos
entregou suas pegadas,
metamorfoseia-se em silêncio.
Como a chuva tépida,
as cãs penetram na areia,
qual grama seca murcham as veias

LEMBRANÇA DE AMOR

MALVAS VERMELHAS

Lá fora
amadurece a noite

sangra com malvas

queima com perfume
na madrugada.

A malva rubra
de cada um
se queima.

E resta só a eternidade
sem vida.

LEMBRANÇA DE AMOR

COMUNHÃO

Morreu a luz,
no peito da terra negra
morreu a luz.

Os dias passam em fileiras longas
com rostos velados,
e ninguém toca
com a esponja embebida de vinagre
a boca.

Paredes entristecidas cismam,
cismam no vazio,
onde sobre a sina
das lápides fechadas
escorrem em velas brancas
os beijos mortos
dos ainda vivos,

onde não há ninguém
a partilhar o pão
e beber o sangue de vinho.

LEMBRANÇA DE AMOR

POESIA

Insuportável luz
derrete o peito
com lâmina afiada
penetra a palavra
no coração

Até teu fim
tua ferida há de arder
e de seus lábios úmidos
deslizará
a serpe elástica
de sangue

E até o final
há de gritar
com rubra dor
o coração
e nas artérias azuis
há de pulsar a consciência
tu vives!

O TEMPO DA DOR

YAROSLAWNA

Yaroslawnna
pendurou a saudade nas ameias
soltou o choro
acima do gramado de Putyvl
que pende nas bordas dos anos
umedecendo a memória

Yaroslawnna
deitou o corpo
não beijado não acariciado
cheio de ternura
para que tu após séculos
o haurisses
para a poesia

POESIAS SELETAS E PENÚLTIMAS

FOTO COM FILHOS

Estou de pé em pose imprecisa
entre dois altos filhos
como que comprimido à terra,
como afastado a um passo
do passado.

Incontáveis anos
não convidados, alheios,
— eu passava ao lado deles
sem cumprimenta-los —
se meteram na porta.

Estou em pose imprecisa
e não sei
como calar o gemido do sangue,
como desfazer-me
dum coração jovem.

POESIAS SELETAS E PENÚLTIMAS



MM

PATRYCIA KYLYNA (1936)

POESIA:

TRAGÉDIA DOS ZANGÕES (1960), LENDAS E SONHOS (1964), CIDADES ROSADAS (1969).

Patrycia Kylyna é o pseudônimo da poetisa norte-americana de origem alemã-norueguesa-irlandesa. Ela estudou Literatura Medieval no Manhattanville College, depois trabalhou como redatora em editoras americanas. Aprendeu com maestria a língua ucraniana a partir de 1957, escrevendo e publicando também em língua inglesa, para a qual traduziu várias novelas de Vassyl Stefanyk e Mykhailo Kotsiubynsky, como também DUMY da poesia popular ucraniana.

Suas imagens retóricas prediletas são a comparação e o paralelismo.

A poetisa usa a linguagem como veículo para a criação de mitos. Quase nunca fala de seus sentimentos; está haurindo a sabedoria eterna da Natureza, onde encontra plenitude de mundos sobre-reais, como também das culturas antigas, pelas quais se sente atraída.

Às vezes, suas poesias transmitem, embora de maneira contida, um "pavor cósmico". Seus heróis sentem-se solitários, desraigados, alienados no cosmo hostil e ameaçador.

Poesia e filosofia fundem-se em seus versos que partem da plataforma concreta, mas em seguida elevam-se às esferas surreais e atemporais. O subconsciente projeta-se aí em

imagens enigmáticas, mais sentidas e adivinhadas de que propriamente compreendidas.

As poesias de Patrycia Kylyna têm caráter de minúsculas obras épicas, contadas de maneira tranqüila.

FARAÓ DE PEDRAS

Na abóbada da rocha está sepultado,
no meio de já fria louça, o terremoto.
Os turistas em carros o evitam,
como múmia em museus.
Montanhas, iguais a cidade,
e nuvens, como ponte, passam qual sombras
a mata vagorosamente fluida.

TRAGÉDIA DOS ZANGÕES

PROPAGANDA

Meus antepassados já estão mortos,
acabo de ouvir a notícia no rádio,
e espanto-me de existir.

Mas agora me lembro
que meus descendentes foram mortos há muito tempo,
que a notícia sobre eles já se tornou conto de fadas,
e não me espanto mais.

TRAGÉDIA DOS ZANGÕES

ÁRVORE

Ela é peneira para a minha farinha de sol.
Ela é rede
pela qual foge o plâncton dos pássaros.
Ela é esponja, que na rasura do vale
se nutre de sombras.

TRAGÉDIA DOS ZANGÕES

INCENSO E GAFANHOTOS

Incenso e gafanhotos.
Tutankhamon, espero até seres encontrado.

Gafanhotos e incenso,
Espero até erguerem a branco-preta catedral em Siena.

Espero até nascer —
dizem que bela será a minha vida.

LENDAS E SONHOS

ESQUECER DE VERDEJAR

Não dei atenção: veio a primavera
e esqueci de verdejar.

De costume, espero a primavera,
penteio o cabelo, para que a grama cresça;
sou o primeiro ser humano que vai ao parque,
o primeiro que se veste de amarelo.

Compro tulipas, escuto o trovão,
rezo às poças de chuva, choro em anêmonas,
caio de joelhos diante dos ninhos.

Cada primavera fico tão louca,
mas este ano
eu não soube que veio a primavera
e esqueci de verdejar.

LENDAS E SONHOS

A VERDE LITERATURA

Qual noite, o alto sábio veio à mata,
pois as árvores já se tornaram hieróglifos
no indecifrado papiro do céu,
pois as suas folhas tornaram-se escrita etrusca na abóbada
do céu.

Qual noite, o alto sábio andava
na mata, procurando os quatro volumes do ano:
o canto da primavera, o poema do estio,
o soneto do outono, o hino do inverno,
pois as árvores já se tornaram runas negras
na lisa pedra do céu.

O sábio percorreu a mata por muito tempo,
mas as árvores mantiveram tudo em segredo,
e finalmente ele lhes disse:

“Não é necessário vender a alma ao diabo,
alguém tentou, mas foi em vão.

Eu acharei um feitiço que há de me transformar
em dia, para melhor enxergar.”

Quando saiu da mata,
as árvores começaram tranquilamente
a recitar de cor para si mesmas.

LENDAS E SONHOS

NA CHALEIRA ESTÁ O OUTONO

Na chaleira está o outono.

As folhas castanhas de molho, qual chuva,

a água castanha esfria, qual geada,

torna-se amarga, como no brejo,

onde os arbustos amarelos colhem seus frutos.

Em cada xícara há uma poça, igual a um pequeno lago,

de onde fugiram os patos de olhos pardos.

Até em cada colherzinha

os sonhos das rãs trazem sombras.

Na chaleira está a velhice e Samarcanda.

LENDAS E SONHOS

AGULHA

A mulher queria enfiar a linha na agulha
e não podia — tremia-lhe a mão.
De súbito sentiu sede e
tomou um copo d'água; então
de novo tentou enfiar a linha na agulha
e não podia.
Sua janela estava aberta;
a noite estival estava quente.
Logo a mulher adormeceu; a agulha caiu
e dançou ainda um instante no assoalho.
Lá fora caíam folhas verdes das árvores
e junto das folhas os pássaros.

Como o último dia do mundo,
como o Juízo Final.

LENDAS E SONHOS

TORO

Na planície seca,
Na aldeia nua,
Uma igreja rósea
Com cúpula de imagens de gado.
Cúpula bizantina
Qual anêmona
Cresce da pedra.
Após a chuva rápida
Não se pode olhá-la
Por muito tempo:
Como se sob o sol
Viesse logo a murchar.

CIDADES RÓSEAS

CALATAYUD

Nós não paramos,
Nós nos lançamos adiante,
Vendo uma rápida paisagem
Como no filme acelerado.
Ao meio dia a cidade vermelha,
Uma torre árabe de tijolos,
E um deserto vermelho,
Igual ao Grand Canyon em vinhas.
Tudo existia em movimento,
Como uma estrela no telescópio,
Que deixa na película
Uma metáfora vermelha da partida.

Igual à luz da estrela
Que já se apagara,
Vem vindo a lembrança vermelha:
O Grand Canyon em vinhas.

CIDADES RÓSEAS



WM

BOGHDÁN TYMÍCH RUBTCHÁK (1935)

POESIA:

POMAR DE PEDRA (1956)
TRAÍÇÃO LUMINOSA (1960)
A MOÇA SEM PÁTRIA (1963)
CLIO INDIVIDUAL (1967)
A ASA DE ÍCARO (1983, 1991)

CRÍTICA LITERÁRIA:

COORDENADAS (1969)
e outras.

O poeta nasceu na cidade de Kaluch. Na Segunda Guerra Mundial emigrou com os pais para a Alemanha. Em 1945 seguiu para os EUA, estudando em Chicago, onde, atualmente, é professor universitário de Eslavística e Literária Comparada.

Tornou-se um dos ensaístas mais conhecidos da Literatura Ucraniana contemporânea, agraciado com o Prêmio Antonovytsch pela sua pesquisa sobre o escritor impressionista Mykhailo Kotsiubynsky.

O poeta cuidadosamente pesa suas palavras, fugindo às imagens gastas e perfumadas. O "belo-belo" aparece-lhe como uma tentação ameaçadora que prefere evitar.

Sua poesia possui cunho filosófico, com atitude sóbria perante a vida. Rubtchák combina palavras em associações raras, cheias de neologismos, valendo-se de efeitos sonoros

como aliteraões, consonâncias e assonâncias. Seus poemas lembram estruturas arquitetônicas pela sua precisão na composição, que invoca uma certa frieza marmórea, desmistificando heróis e deuses e criando ao mesmo tempo um novo mito telúrico-erótico.

É-lhe próprio um nobre orgulho de anti-herói que o distancia do leitor.

ARS POETICA

Ser mudo, sem paixão, como a porta sempre fechada.
Ser esquecido, como a estátua antiga numa pequena cidade.
Conhecer só o amor de uma pedra, o coração opaco da pedra,
E ver o mundo em preto e branco, sombra e luz.

Há do verde demais, demais do carmim e róseo.
As côncavas sombras azuis abraçam-te sem piedade.
Há pormenores demais: amores, anseios, tristezas,
Velando a vida com névoa de alegrias e dores.

Buscar só a essência, só uma existência nua, — a essência
do ser.

Sentir o espaço: o vôo de pássaros pretos ao longe,
Sentir o tempo: as pinturas precisas nas negras cavernas,
E, como o vento absoluto, compreender o teu dia, poeta!

POMAR DE PEDRA

PROJETO PARA O BAILADO EM TRÊS ATOS

1.

Esta saudade azul alguém malgrado chamou de quarto,
onde estamos a sós. Nomeio os pássaros invisíveis,
que acariciam com seu vôo o desconhecido.
Sinto no canto do quarto — a saudade retangular —
a abstração de teu corpo.

É bom que é noite, bom que é noite pois não
vês o absurdo arlequim da minha alma
que
saiu voando
em piruetas,
implorou com arabescos
e desmaiou diante de ti.

2.

Além das janelas — o conto de fadas.
Além das janelas andam monjas com sorriso lilás,
sob os ramos carregados de negras laranjas.

No quarto há
um lindo pequeno poema:
tu,
eu.

Farfalham as bailarinas do desejo pulsante.
Quero
com milagrosas pontas de dedos
escutar as melodias de bandolins
no teu desvairado cabelo.

3.

Pensativo sorrio:
no último ato do meu bailado
hás de me amar.

POMAR DE PEDRA

TÚMULOS DE NETOS

Aqui havia túmulos de netos
onde eu e tu, amada, jazemos,
eu, teu amante jovem.

Em crepúsculos azuis medievais
eu mostrava à amada a grama:
ela cresce dos filhos de meus filhos.

POMAR DE PEDRA

LEMBRANÇA DA LUA

Quando toco tua face
as pontas dos dedos abrem-se em flor de macieira,
e sobre nós a lua
vive vida de santa.

Então dentro de mim nasce
o imaculado horizonte,
e tu o tocas
qual vento de maio.

TRAIÇÃO LUMINOSA

O SENHOR DESCONHECIDO QUE O AUTOR FREQUENTEMENTE ENCONTRA NO PARQUE

I

Às tardes, os canteiros enfeitiçam teu olhar
e teus lábios murmuram sobre as coisas silenciosas,
sobre os mastruços e narcisos,
sobre as estruturas dos cristais de neve,
sobre as contidas cordas dos concertos de Mozart
e sobre a luz: ela está hoje como um demônio de mel.

II

Mas lá —
além do véu do resedá,
além dos acantos dos canteiros,
nos subterrâneos, em mansardas,
em cavernas cavadas nos muros,
em buracos, em tocas,
em algares de pesadelos —
a virtude premeditada do fingido,
o gasto contorno do conspirador,
o desejo de crime, embutido no cérebro férreo,
do amante da paz, coroada de palavra oleosa,
a volúpia de sangue no coração corroído do profeta,
a violação em olhos esbugalhados do filantropo:
o País do Mammon.

V

Às tardes, os canteiros enfeitiçam teu olhar
e teus lábios murmuram coisas meigas.
És engano? Os lábios que procuram
assustam-se com a palavra precisa?
A mão teme tocar o coração,
os olhos se negam a olhar nos olhos.

TRAIÇÃO LUMINOSA

xxx

As moças solitárias
carregam nos seios os estigmas da lua
— duas réplicas de sua face —
que se enchem de dor desejosa, quando chega a noite,
e tomadas de sede irresistível
bebem a sua plenitude.

Então,
nos lagos dourados de seu cabelo
arde a lua cheia,
e suas coxas brancas
são palácios lunares.

TRAÍÇÃO LUMINOSA



YURY TARNAWSKY (1934)

POESIA:

VIDA NA CIDADE (1956), A TARDE EM POKIPSY (1960), BIOGRAFIA IDEALIZADA (1964), MEMÓRIAS (1964), SEM ESPANHA (1969), POESIAS SOBRE O NADA E OUTRAS (1970), ASSIM EU SARO (1978), SEM O NADA (1991), URANA (1992).

PROSA:

ESTRADAS (1961).

TRADUÇÃO:

Federico Garcia Lorca: COMO SE AMAVAM DOM PERLIMPLIM E BELISSA NO JARDIM (1967).

Yury Tarnawsky nasceu na região de Boiky, na Galícia. Com dez anos emigrou para a Alemanha; em 1952 mudou-se para Nova York, onde reside até hoje. É engenheiro eletrônico, especializado em cibernética. Escreve, também, na língua inglesa. Tarnawsky é um poeta urbanista, que propositalmente foge do folclore, de sentimentalismo e do "belo-belo". Sua linguagem é sóbria, despojada, quase abstrata, não evitando o feio, o agressivo e o doloroso.

O clima poético varia entre tédio, "Weltschmerz" e embriaguês erótico-amorosa.

Sua concepção de vida, em geral, é pessimista, revelando a tragicidade da existência. Frequentemente o poeta une o

erotismo ao sentimento de morte e de decomposição — uma característica barroca. Sua poesia e prosa possuem novas tendências formais.

No recente livro URANA, o poeta lamenta “os mil anos de solidão” da Ucrânia, traída pela história.

CANÇÃO DA TARDE

O céu torna-se cego
e os edifícios videntes

Como é triste contar as estrelas
úmidas que fogem dos dedos

por que sou solitário
de mãos geladas?
por que não saio na rua
onde pingam pessoas?

o céu torna-se cego
e os edifícios videntes

como é triste morrer
pensando na vida

VIDA NA CIDADE

BIOGRAFIA IDEALIZADA

1.

Espera-me
naquela ponte
sobre o rio verde.

Virei a ti
das messes da chuva
com seu trevo no cabelo.

Nos teus lábios
hastes do vento
e meu nome.

5.

Tu vens
como corrente de ar.
Trazes contigo
o vento
e o murmúrio das folhas.
Tornas as paredes
transparentes
e com clima de primavera
enches a morada.

Tiras
toda a minha memória
e, como cálice
de água limpa,
clareias
meu cérebro.

8.

“Quem és?

De onde?

Riso

igual a ribeiro de seda

não me permite fechar a boca.

Como aconteceu

que a ti pertence este planeta

povoado de seres

com almas de frios pratos?”

11.

Quero lembrar
apenas tua face
pálida como arbusto de lilazes
na esquina da rua escura.

Tudo é sem importância!
Quero apenas amar-te,
possuir no meu cérebro
apenas a mancha doce de tua boca!

15.

Onde estás?

O vento de cabelo liso
procura-te pelas ruas,
nos brancos túneis de faces humanas,
entre as algas das árvores.

O céu sossegou.

o sol desfaleceu
qual em eclipse.

Quem és,
que todo o mundo te conhece?

POESIA DE SEIS PÁGINAS

2.

Minha essência,
por que é tão incaptável a tua face?
Quando te busco
então com silêncio pretendes
frisar a tua presença?
Foges de quarto em quarto,
mas na escuridão não ouço ninguém,
só, afogado nas águas dos *kilims*,
o eco de meus passos apaixonados.

ALÉM DAS COLETÂNEAS

ESPELHO, MÃO

Sob o espelho
a mão
como sinal
de interrogação:
por que não é branco
o sangue,
por que não são de papel
os lábios,
por que não é de interrogação
a mão,
por que não é de espelho
a vida?

Frases são
de vidro verde,
de mão branca
é o sinal de interrogação.

CANÇÕES YE-YE

MÃOS RÓSEAS

Mãos róseas
hauriam rostos,
espantavam
pássaros pretos
da tarde,
partiam peitos
de cadeiras e rochas,
semelhantes às próprias famílias
apagavam
os limites das árvores
e o chão
do ar...

E o mar
ensinava ao sangue
sua cor
e forma.

CANÇÕES YE-YE

VIDA MORTA

No relógio — a mancha da hora,
mofo de cansaço na parede da consciência,
no papel — a palidez do rosto
e a solucionada charada do poema.

VINHO E PUS



MM

GENHA VASSYLKIWSKA (1929)

POESIA:

DISTÂNCIAS CURTAS (1959)

.RADUÇÃO:

Jean Anouilh: ANTÍGONA (1962)

Nasceu na cidade de Kovel, na Volínia. Emigrou da Ucrânia em 1944, vivendo em Linz (Áustria) até 1951, quando seguiu para os EUA. Terminou a Faculdade de Filosofia na Universidade de Columbia em Nova York com tese sobre Saint Jean Perse. Leciona Literatura Românica numa das universidades do estado de Virgínia, dedicando-se, também, ao ensaio polêmico, à crítica literária e à tradução.

Sua única coletânea de poesias recebeu crítica muito favorável. Próxima do surrealismo, sua poesia é freqüentemente hermética. O leitor tateia os signos, penetrando num clima de feitiço léxico e imaginativo, sem poder defini-lo. Sua paisagem é interior e se revela aos poucos. O poeta Vassyl Barca ressalva "a extraordinária fantasia metafórica do seu lirismo". Ele louva "a finura de sua intuição, o profundo elegismo, a agilidade caleidoscópica e musical ao mesmo tempo de suas visões muito coloridas que se desenrolam continuamente como um filme fantástico".

O lirismo de Genha Vassylkiwska, embora plantado em

grande parte sobre o lirismo da poesia popular ucraniana, possui um cunho próprio, unindo elementos abstratos e concretos, o que empresta a sua poesia uma aura de contos de fada.

PÔR DO SOL

O leve rubor do céu entardece
qual a espuma rósea sobre as ondas.
A nuvem cacheada acaricia com
pétalas
a abelha do sol, cheia de vinho.

O dia, como caneca repleta de mel,
tiniu e derramou-se no azul.
Sobre as surdas árvores vespertinas
desliza a sombra debaixo da casca.

DISTÂNCIAS CURTAS

A CARTA

“Tu torces muitos atalhos nos vales,
mas também a ti será dado o vale montês.

Tu disparas só com as setas solares,
mas entre sombras descobrirás a malva negra.

Tu bordas somente de azul o céu,
embora a coluna cinzenta apóie as nuvens.

Tu achas em mármore a palavra inocente,
mas também o mármore pode ser esmigalhado.”

DISTÂNCIAS CURTAS

NUVENS

Elas tremem. No céu frio
como a canção, interrompida pelas estrelas,
jorram as suas fontes, calmas e distantes,
que jamais serão repetidas.

DISTÂNCIAS CURTAS

A TARDE

Renda de calma
sobre os juncos
suavisa o severo
rosto da tarde.

Na margem andam
silentes feras —
semeiam na água
poeira luzente.

O rio esperto
— peixe em centelhas —
com a escama de prata
domina a noite,

reluz aos salgueiros
que tecem com folhas
da argêntea vaga
a renda da calma.

DISTÂNCIAS CURTAS

DO OUTRO LADO DO SILÊNCIO

O murmúrio translúcido
com novelos de terços
salta qual raio
pelas poças secas,

onde sob os arbustos
com lábios pendentes
as sombras de azáleas
em vitrais florescem.

DISTÂNCIAS CURTAS

AO POETA

Poeta, tu sabes
como é difícil moer
a farinha de luz
com as mós da noite.

DISTÂNCIAS CURTAS

POETA

Teus lábios são tela, onde virão
as flores, despidas de talos!
Com laços transparentes do azul sem nuvens,
cobriu-se a cruz.
Enevoadas, ardem tranqüilas lâmpadas.
A voz estala com grito rasgado.
Tuas palavras são uma trilha profunda
pela qual, às vezes. caminha Deus.

DISTÂNCIAS CURTAS

O SUL

O peso dos instantes repletos
de uvas maduras
que pendem dos muros
do dia de asfalto.

A dourada poeira do sol
de mel e condimentos,
que suspira dengoso
entre as costelas de ferro.

A dureza da tépida pedra,
a sombra do poste imutável,
a sonolenta preguiça
da existência sem meta.

Do vento da limpa garganta
o sopro inesperado,
o amargor do sal marinho
na boca.

DISTÂNCIAS CURTAS

FLAMENGO

III.

A boca da candeia
com negra fuligem
marca os joelhos
de pensativos convivas.

A boca do violão
com feridas sonoras
perturba a existência
da pedra muda.

DISTÂNCIAS CURTAS

PÁTRIA

Da distância, interrompida pelo vôo,
tu surges como a onda constante,
como flor aguda de aço afiado,
com a dureza redonda,
onde quebrou-se o acanhado grito dos seixos.

Os caminhos ásperos ainda tinem de espadas —
nos olhos, repletos da luz profunda,
ardes, qual ira, qual feixe de lágrimas secas,
fumegas, como um deus sem face, como incenso
tranças a estrada pelo horizonte de ossos
no murmúrio das fontes, nas chaves de chamas,
amarras a distância em nó de ferro.

DISTÂNCIAS CURTAS



WIRA WOWK (1926)

POESIA:

JUVENTUDE (1954), ESTRELA GUIA (1955), ELEGIAS (1956), ACÁCIAS NEGRAS (1961), RELÓGIO SOLAR (1964), CARTAS DE AMOR DA PRINCESA VERÔNICA (1967), KAPPA CRUCIS (1969), MEANDROS (1979), MANDALA (1980), MÁSCARAS FEMININAS (1994, no prelo), ORATÓRIO À MÃE DE DEUS (1994, no prelo).

PROSA:

LENDAS SACRAS (1954), CONTOS DE FADA (1955), ESPÍRITOS E DERVIXES (1956), VITRAIS (1961), BOSQUE SAGRADO (1983), CARNAVAL (1986).

TEATRO:

SANTO RIDÍCULO (1968), TRÍPTICO (1982), GRINALDA TRIPLA (1988), CONTO DO CAVALEIRO (1992), AUTO DE INVERNO (1994).

Nasceu em Boryslaw (Galícia). A partir de 1939 viveu em Dresde (Alemanha), onde freqüentou o ginásio Clara Schumann. De 1945 em diante estudou Letras Germânicas, Eslavística e Musicologia na Universidade de Tubinga. Emigrou para o Brasil em 1949. Doutorou-se na PUC do Rio de Janeiro, fazendo estudos pós-graduados em Munique e Nova York.

Seguiu a carreira universitária, trabalhando na Universidade Santa Úrsula (RJ) e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cabo Frio. Atualmente é Prof. Adjunto de Literatura Alemã na UFRJ.

Recebeu vários prêmios literários em Nova York, Chicago e Kiev. Dedicou-se, também, à tradução de várias literaturas.

Inéditos: A POESIA LÍRICA ALEMÃ, A BALADA ALEMÃ, MOTIVOS DE RESSURREIÇÃO E ETERNIDADE EM CONTO POPULARES, MOTIVOS REPETITIVOS NA OBRA DE THOMAS MANN.

CASSANDRA

tomo meu rosto gasto
e afundo no espelho

lá brilha a rocha branca
e ardem dois poços fundos
sobre a muda porta da canção

gravemente castiga o deus

que os outros não crêem —
a mim mesma profetizo

MÁSCARAS FEMININAS

SAFO

assim dotaram-se as Musas
que erma e solitária
eu amasse a arpa
com o olhar mergulhando
em mil sorrisos do mar
e meu perfil
se gravasse em mármore branco
e com desenho negro cobrisse os vasos

MÁSCARAS FEMININAS

CORNÉLIA

segurei nos joelhos outrora
as jóias da pátria,
prendendo o riacho de cabelo
em nó virtuoso

que mulher não gostaria de ser
ninho do duplo sol
começo de dois vendavais
gruta de dois vagalhões?

agora sou estela de pedra branca
entre os freixos de casca negra

a eternidade sussurra meu nome

MÁSCARAS FEMININAS

JUDITH

eu festejava com o chefe estrangeiro
qual Sabá com Salomão
e o conquistador olhava ávido
o encanto da viúva
meus sedutores adornos
não notando em minhas pupilas
o tigre acuado

de madrugada
saio da tenda
em púrpura de vingadora
e levanto pelos cabelos
a cabeça de Holoferno

MÁSCARAS FEMININAS

MADALENA

livro-me dos dias
como a árvore outonal da folhagem
devolvo a cesar a sacudida medida

o sol me alimenta com a colher de ouro
o rio me deita seus cachos de prata

entre as raízes da figueira
está o leito estendido para longos invernos

e na copa as cigarras ecoam
minha insensata prece

MÁSCARAS FEMININAS

SANTA ROSA

sobre o púlpito a pomba ergue as asas
e ouve-se a nova sobre o Cordeiro

para que vôo agoureiro da joaninha
a concha da sina feminina
as balaustradas douradas de Lima?

floresço em palácios celestes
enquanto na terra
derramam-se as minhas pétalas

MÁSCARAS FEMININAS

ISOLDA

não ouviremos
como no alaúde côncavo da noite
zunirão douradas cigarras
e não veremos o tigre
que urra além das costelas do mar
nas pupilas não guardaremos
o contorno da árvore do paraíso

na caravela submersa
garrafa de vinho celta

MÁSCARAS FEMININAS

NASTÁSSIA TCHÁGHROVA

a árvore da noite sacode-se da floração dourada
e o grito do pavão traz ansiedade

a coroa de tranças desce aos pés
sobre o desenho de brocado

acarício com asas de cisne o príncipe
lanço-lhe a âncora na alma

algures o pássaro Dyv na emboscada

com o Juízo Final amanhece o dia

MÁSCARAS FEMININAS

ALMA DA IGREJINHA

A alma da antiga igreja
anda entre os abetos,
cava na colina, na fuligem,
procurando os restos
de cruzes de latão,
um caco do ícone sobre o vidro,
uma folha meio-queimada do Evangelho.

A alma da antiga igreja
anda louca entre os abetos,
canta para si própria as exéquias.

AZULEJOS INSCRITOS

RITUAL

Dos turíbulos monteses
sobe o incenso
até a cúpula azul.
Todos os abetos em paramentos rubros
levantam a taça de ouro.
O rio Tcheremóch bate com a testa no chão,
e as ondas rezam
uma antiga oração
da memória da humanidade.

AZULEJOS INSCRITOS

ÍNDICE

Pág.

O GRUPO DE NOVA YORK	7
EMMA ANDIEWSKA (1931)	11
EM FOLHAS	13
ESTÁS SÓ	14
QUEM ÉS, MENSAGEIRO	15
A CÁPSULA DA PAPOULA	16
FLAUTAS DE ABÓBORA	17
CAVALOS MAIS CÔNCAVOS	18
ETERNIDADE É ÁRVORE	19
TU NÃO PODES	20
QUANDO SE APAGAM	21
A VOZ	22
BOGHDÁN BOYTCHÚK (1927)	25
SANTA CAROLINA	27
A PEDRA E A VIDA	28
DEZ POESIAS SOBRE A CIDADE, COM PRÓLOGO	29
DESPEDIDA DA PALMEIRA	31
MALVAS VERMELHAS	32
COMUNHÃO	33
POESIA	34
YAROSLAWNA	35
FOTO COM FILHOS	36
PATRYCIA KYLYNA (1936)	39
FARÃO DE PEDRAS	41
PROPAGANDA	42
ÁRVORE	43
INCENSO E GAFANHOTOS	44
ESQUECER DE VERDEJAR	45
A VERDE LITERATURA	46
NA CHALEIRA ESTÁ O OUTONO	47
AGULHA	48
TORO	49
CALATAYUD	50
BOGHDÁN TYMÍCH RUBTCHÁK (1935)	53
ARS POETICA	55
PROJETO PARA O BAILADO EM TRÊS ATOS	56

	Pág.
TÚMULOS DE NETOS	59
LEMBRANÇA DA LUA	60
O SENHOR DESCONHECIDO QUE O AUTOR FREQUENTEMENTE ENCONTRA NO PARQUE	61
AS MOÇAS SOLITÁRIAS	64
YURY TARNAWSKY (1934)	67
CANÇÃO DA TARDE	69
BIOGRAFIA IDEALIZADA	70
POESIA DE SEIS PÁGINAS	75
ESPELHO, MÃO	76
MÃOS RÓSEAS	77
VIDA MORTA	78
GENHA VASSYLKIWSKA (1929)	81
PÔR DO SOL	83
A CARTA	84
NUVENS	85
A TARDE	86
DO OUTRO LADO DO SILÊNCIO	87
AO POETA	88
POETA	89
O SUL	90
FLAMENGO	91
PÁTRIA	92
WIRA WOWK (1926)	95
CASSANDRA	97
SAFO	98
CORNÉLIA	99
JUDITH	100
MADALENA	101
SANTA ROSA	102
ISOLDA	103
NASTÁSSIA TCHÁGHROVA	104
ALMA DA IGREJINHA	105
RITUAL	106

Порт/п
ен
С 716

